

---

## “Escrever é traduzir” — José Saramago e a tradução<sup>1</sup>

*“Writing is translating” — José Saramago and translation*

Burghard Baltrusch

I Cátedra Internacional José Saramago da Universidade de Vigo

### DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2023.nEsp.a843>

### RESUMO

Saramago deixou-nos a convicção de que “todos somos tradutores” e que “escrever é traduzir”. Este artigo pretende mostrar que muitos aspectos da vida e da obra de Saramago podem ser abordados numa perspectiva tradutológica, uma vez que existe ainda uma lacuna de literatura crítica sobre o assunto. O pensamento de Saramago sobre a tradução será explicado primeiro em termos gerais, através de uma breve comparação com Walter Benjamin, e depois especificamente em termos de tradução cultural, através do que ele entendia como iberismo e transibericidade. Os numerosos textos e entrevistas em que Saramago reflecte sobre as relações intra e extra-ibéricas permitem-nos analisá-lo hoje como tradutor cultural. Defendeu a necessidade de uma solidariedade intra-ibérica capaz de preservar identidades diferenciadas e chamou a atenção para a

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi realizado no contexto do projecto de investigação Poesía Actual y Política (II): Conflictos sociales y dialogismos poéticos (PID2019-105709R-B-I00), financiado pelo Ministerio de Economía y Competitividad do Governo de Espanha, e com o apoio do grupo de investigação BIFEGA (Xunta de Galicia ED431C 2020/04) da Universidade de Vigo. O autor deseja manter a antiga ortografia do português europeu.

necessidade de uma tradução político-cultural transiberista. Defenderei que Saramago traduziu os etnocentrismos luso e espanhol em três ideias-chave. Em primeiro lugar, o carácter multicultural da Península Ibérica, que é um facto historicamente incontestável. Em segundo lugar, que as culturas ibéricas, sem as uniformizar, partilhariam uma base comum que as diferencia, por sua vez, da Europa. E, em terceiro lugar, a ideia de transibericidade como “tarefa de traduzir, respeitando o lugar de onde [vimos] e o lugar para onde [vamos]”, como diálogo com a *doxa* alternativa das culturas pós-coloniais.

**PALAVRAS-CHAVE:** José Saramago tradutor; Walter Benjamin; transiberismo; tradução cultural.

#### **ABSTRACT**

Saramago left us his conviction that “we are all translators” and that “writing means translating”. This article aims to show that many aspects of Saramago’s life and work can be approached from a translational perspective, as there is still a gap of critical literature on the subject. Saramago’s thought on translation will be first explained in general terms, through a brief comparison with Walter Benjamin, and then specifically in terms of cultural translation, through what he understood as iberism and transibericity. The numerous texts and interviews in which Saramago reflected on intra- and extra-Iberian relations allow us to analyse him today as a cultural translator. He defended the necessity of an intra-Iberian solidarity capable of preserving differentiated identities, and drew our attention to the need for a trans-Iberian political-cultural translation. I will argue that Saramago translated Luso and Spanish ethnocentrism into three key ideas. Firstly, the multicultural character of the Iberian Peninsula, which is a historically incontestable fact. Secondly, that Iberian cultures, without making them uniform, would share a common basis that differentiates them, in turn, from Europe. And thirdly the idea of transibericity as a “task of translating, while respecting the place from which [we] came and the place to which [we] are going”, as a dialogue with the alternative *doxa* of post-colonial cultures.

**KEYWORDS:** José Saramago translator; Walter Benjamin; transiberismo; cultural translation.

José Saramago teve um longo percurso como tradutor, em várias vertentes. Tudo começou com o exercício da tradução interlinguística como profissão, inicialmente por necessidade económica, principalmente de textos de ficção e de ensaio. Porém, Saramago também se tem destacado como um tradutor (inter)cultural, sobretudo no sentido pós-colonial e, até, decolonial, sempre com a ideia da transibericidade (o transiberismo) como grande horizonte de pensamento e acção. Finalmente, temos o Saramago que, já na recta final da sua vida e obra, destacou-se também com reflexões filosóficas sobre a tradução que ainda não foram objecto de estudos pormenorizados. Considero que têm uma grande relevância para o estudo da vida e obra do autor e pretendo reunir aqui alguns elementos básicos para uma primeira análise. Interessa-me observar, por um lado, o pensamento saramaguiano sobre a tradução em termos gerais e, pelo outro, aproximar-me do transiberismo desde uma perspectiva de tradução cultural. Gostaria de sublinhar a importância do transiberismo saramaguiano como um pensamento transversal sobre a interacção das culturas e nacionalidades de origem ibérica, seja no contexto europeu ou intercontinental, seja em relação com a sua relevância para o debate político e sociocultural na actualidade, nomeadamente no âmbito do decolonialismo.<sup>2</sup>

### **1. SARAMAGO COMO TRADUTOR**

Para contextualizar o pensamento tradutológico saramaguiano, convém começarmos com uma breve recapitulação da sua trajetória como tradutor profissional, que começou em 1955, ainda em

---

<sup>2</sup> Não entrarei aqui nalgumas questões específicas relacionadas com o transiberismo que já tratei em estudos anteriores (2014, 2017, 2020), ou noutros que se encontram no prelo (2023).

plena ditadura, por mera necessidade económica, e se estende até 1984. Segundo a minha contagem mais recente, existem 62 obras traduzidas por Saramago neste período, muitas delas com várias reedições até à actualidade.<sup>3</sup> Horácio Costa já realizara uma contagem inicial das traduções de Saramago em 1997, seguida de outra de Jorge Santos (1998), junto com as respectivas informações que foram publicadas ao longo do tempo de existência do site da Fundação José Saramago. Ainda divergentes e incompletas, estas três fontes foram revistas e actualizadas por Rodrigo Lage em 2022, a cuja contagem a minha própria revisão acrescenta agora mais uma tradução, embora não possa ser excluído que existam ainda mais. As 25 obras de ficção e 37 de não ficção, traduzidas principalmente na década de 70, saíram em editoras como a Moraes (15), Estúdios Cor (13), ou Estampa (16), outras pela Caminho (5) ou pela Europa-América (9), entre outras. Saramago traduziu um grande número de romances e contos (25), mas os géneros de não ficção representam mais do que 60% do total. Neste conjunto de não ficção, observa-se uma predominância de obras de ensaio político e sociológico (21), distribuindo-se as restantes traduções pelos âmbitos de história e arte (7), filosofia e psicologia (5) e biografia (4). Saramago traduziu quase exclusivamente do francês, e só num caso existe uma certa probabilidade de a tradução poder ter sido realizada a partir do espanhol.<sup>4</sup> Em muitos casos, tratou-se de traduções indirectas, se pensarmos por exemplo nos auto-

---

3 Cf. a lista de “Traduções realizadas por José Saramago 1955-1984” no anexo. Gostava de agradecer à Fundação José Saramago a autorização e o apoio para revisar os volumes de traduções realizadas por José Saramago nas suas instalações, procedentes da sua biblioteca pessoal.

4 Fernando Díaz Plaja: *História da Espanha*, Lisboa: Círculo de Leitores 1970. O texto de partida poderia ter sido *Otra Historia de España* (Barcelona: Plaza & Janés: 1972), uma vez que no catálogo da Bibliothèque Nationale Française não aparecem traduções francesas deste autor.

res alemães Hans Hellmut Kirst e Georg Friedrich Wilhelm Hegel, para além de autores russos e búlgaros (como Tolstoi, Moskvichov, Pramov ou Jivkov) que o nosso autor também só pode ter traduzido a partir de versões francesas.

Estamos a falar, assim, de uma longa e tematicamente vasta experiência num ofício que exige minuciosidade e uma imersão profunda na obra e na cultura de partida. Quem se dedica à tradução conta, geralmente, com um reduzido reconhecimento público e mais ainda na época em que Saramago esteve em activo. Porém, trata-se de uma parte importante de um longo período de formação do autor (cf. COSTA, 1997) que lhe serviu a preparar-se para a escrita dos grandes romances, e no qual a prática profissional da tradução resultou ser certamente fundamental. O estudo e a análise da repercussão da tradução para a obra literária ainda se encontram nos seus inícios, mas o próprio Saramago destacou, em várias ocasiões, o fascínio que lhe suscitou, por exemplo, poder estar a trabalhar com obras de Colette, André Bonnard ou Georges Duby. Em 1989, numa entrevista a José Carlos Vasconcelos, revelou, por exemplo, quão importante tinha sido a tradução de Duby para a sua concepção da relação entre história e ficção<sup>5</sup>:

Eu traduzia livros de Georges Duby, um deles *O tempo das catedrais*, que me fascinou. E aí eu pude ver como é tão fácil não distinguir aquilo a que chamamos ficção, e aquilo a que chamamos

---

<sup>5</sup> Em relação à importância do pensamento de Duby para a concepção da história de Saramago, no contexto de uma análise da tradução que o escritor português realizou de *Le temps des cathédrales*, cf. Caravela (2021), que contribuiu para a fundamentação da já conhecida e enorme influência que exerceu a tradução de *O tempo das catedrais*, e o contacto com a École des Annales junto com a corrente da Nouvelle Histoire, no desenvolvimento das concepções saramaguianas sobre a história e a sua representação literária.

história. A conclusão, certa ou errada, a que eu cheguei é que, em rigor, a história é uma ficção. Porque, sendo uma seleção de fatos organizados de certa maneira para tornar o passado coerente, é também a construção de uma ficção. (GÓMEZ AGUILERA, 2010, p. 164, grifo do autor).

Salvo erro, o primeiro estudo de uma relação entre as traduções de Saramago e a questão da intertextualidade, embora muito breve, é o de Leal (1999), centrando-se no caso de *A Sibila* (Estúdios Cor, 1959), do autor sueco Pär Lagerquist, uma das traduções indirectas que Saramago realizou a partir da versão francesa.<sup>6</sup> Também desde uma perspectiva de estudos culturais, Grossegese (2020) tratou com mais profundidade aspectos relacionados e de intertextualidade em relação à tradução de *A centelha da vida*, de Erich Maria Remarque, que Saramago também realiza a partir do francês.<sup>7</sup>

Neste contexto, interessa assinalar que Saramago traduziu, depois do 25 de Abril, duas obras africanas de grande significado político desde um ponto de vista pós-colonial: *L’Harmattan* (*O Harmatão*, 1983), do senegalês Ousmane Sembène, e *Une vie de boy* (*Uma vida de boy*, 1981), do futuro ministro de estado e da cultura dos Camarões, Ferdinand Oyono, ambos publicados pela Caminho. Esta última obra foi objecto do único estudo crítico desde uma perspectiva pós-colonial, até ao momento, de uma obra literária traduzida por

---

6 O original foi publicado em 1956, com o título *Sibyllan*. Saramago deve ter empregado *La Sibylle*, traduzida por Marguerite Gay e Gerd de Mautort (Paris: Stock, 1957).

7 A tradução de Saramago saiu na Europa-América em 1955. O título original é *Der Funke Leben* (1952), e a versão francesa empregada por Saramago, é *L’Étincelle de vie*, traduzido por Michel Tournier (1953). Além disso, Grossegese (2015) também analisou questões intertextuais no caso da tradução para alemão de *História do Cerco de Lisboa*.

Saramago e que considero ser de absoluta referência. Neste trabalho pioneiro, Ana Paula Ferreira demonstra como em *Uma vida de boy* Saramago transportou um “processo de consciencialização política que passa pela aprendizagem da língua do colonizador europeu” (2014, p. 83) para o português. Também se trata, salvo erro, da primeira vez que se referenciou uma possível comparação da sua prática tradutiva com as ideias tradutológicas de Walter Benjamin, ou com teorias mais actuais, como a questão do binómio domesticação vs. estrangeirização, proposto por Lawrence Venuti na década de 1990.<sup>8</sup>

Por isso, seria interessante que se analisasse algum dia, e de forma mais pormenorizada, a estratégia de tradução praticada por Saramago em relação aos 21 ensaios de política e sociologia que traduziu. O seu elenco vai desde excertos de textos clássicos de Marx e Lenine até aos autores búlgaros que traduziu a partir do francês como língua ponte. Destacam-se os quatro livros assignados ao líder búlgaro Todor Hristov Jivkov (cuja autoria é hoje questionada), que tiveram uma certa importância no contexto dos debates promovidos pela esquerda comunista em Portugal, sobretudo em relação à reforma agrária no período do PREC, e a correspondente reivindicação de uma transformação revolucionária da sociedade.<sup>9</sup> Estas traduções de textos políticos representam, hoje em dia, uma valiosa fonte de documentação para reconstruir o pensamento dialéctico de Saramago. Foram realizadas num momento da sua vida no qual deve ter começado a recapitular criticamente os acontecimentos revolu-

---

8 Posteriormente, Gonçalves (2019) também se referiu a esta questão na sua análise das traduções de Maupassant por Saramago (actualmente, esta autora está a realizar uma tese de doutoramento sobre Saramago enquanto tradutor).

9 Uma destas traduções até chegou a ser prefaciada por Álvaro Cunhal, quem depois traduziu o segundo volume das *Obras escolhidas* de Jivkov.

cionários em Portugal, incluindo a sua própria participação neles, numa dimensão cada vez mais universal da sua obra literária (já em construção naquele momento). Nalguns casos, estas traduções podem ser lidas de forma transversal com os seus escritos jornalísticos de índole política e, muito especificamente, com a sua participação activa no PREC como director-adjunto do Diário de Notícias, com o seu saneamento depois do 25 de Novembro de 1975 e com a reorientação pessoal que estes acontecimentos causaram.<sup>10</sup>

Um brevíssimo exemplo poderia ser *Portugal: les points sur les i* (Editions sociales, 1976), da autoria do jornalista e produtor de televisão francês Jacques Frémontier, que se publica na França em 1976 e sai, já no mesmo ano, na editora Moraes traduzido por Saramago. Autor e tradutor chegaram a conhecer-se pessoalmente quando Frémontier, que era próximo do Partido Comunista Francês, cobriu como colaborador de *L’Humanité Dimanche* a Revolução dos Cravos. O jornalista francês resumiria esta experiência mais tarde no seu ensaio, onde analisa de forma pormenorizada as orientações políticas dos jornais portugueses na fase pós-revolucionária em que esteve em Portugal. Na sua tradução, Saramago acrescenta notas do tradutor em rodapé, sempre desde a perspectiva de quem foi testemunha e partícipe activo dos acontecimentos. Em relação ao diário lisboeta *A Capital*, por exemplo, Frémontier afirma que “hesita entre os seus princípios de neutralidade e as suas simpatias pela extrema-esquerda”, e acrescenta entre parênteses: “mas certamente não pelos comunistas!” (1976, p.134). Saramago coloca a seguinte nota do tradutor, também com um ponto de exclamação: “Nas suas conver-

---

10 Cf. o meu estudo “José Saramago und die Nelkenrevolution: poetische und politische Spuren”, in Teresa Pinheiro/Robert Stock/Henry Thorau (eds.): *Fünfzig Nelken Transkulturelle und transmediale Einblicke in Portugals April-Revolution von 1974*, Berlin: Iberoamerikanisches Institut (2024, no prelo).

sas com Dominique Pouchin, M(ário) Soares afirma que (*A Capital*) se tornara comunista!” (*ibid.*). E quando o jornalista francês afirma que “*A Luta*, criada por Raul Rego e toda a equipa da *República*, torna-se rapidamente — com mais de cem exemplares — o primeiro jornal de Portugal”, Saramago intervém novamente advertindo que “[c]ontudo, nunca *A Luta* tornou públicas as suas tiragens... Por essa altura, o ‘D.N.’ tirava regularmente mais de cem mil exemplares” (1976, p.134). Também comenta a afirmação de Frémontier que “[n]as pequenas vilas, a Igreja, a direita ou o P.S. controlam praticamente todos os jornais locais (salvo no Alentejo, fortaleza do P.C.P...)”, colocando uma nota de rodapé que contraria a afirmação do colega: “[e] também no Alentejo...” (1976, p.134). Podíamos indicarmos ainda mais exemplos que dão conta de um Saramago tradutor que quis ser visível, que comenta e explicita, que fornece informação adicional, dirigindo a atenção do público leitor e pede-lhe que seja crítico em relação ao que lê, numa intenção crítica que já se aproxima das vozes narrativas nos seus futuros romances.

## 2. SARAMAGO E A FILOSOFIA DA TRADUÇÃO

Para revisitarmos o pensamento de Saramago sobre a tradução em termos mais filosóficos, o melhor ponto de partida talvez seja a conferência de abertura que proferiu no IV Congreso Latinoamericano de Traducción e Interpretación, em Buenos Aires, onde afirmou, categoricamente, que “todo son traducciones” e que “todos somos traductores” (2003, s.p.). Ainda acrescentou que

Dentro de nosotros hay una especie de océano de vocablos, algo que no acabamos de conocer y que toca la frontera de lo inefable, si es que queremos dar tal nombre a lo que no se puede comunicar, aunque sepamos que nos habita. Tratar de expresar lo que sucede en nuestro interior, no es, a mi entender, otra cosa que traducir. Quizá sea yo el primer escritor que admite que lo que está haciendo sea traducción, ya que, en definitiva, vamos poniendo

lo que pensamos y sentimos según fórmulas inteligibles que pertenecen a códigos consensuales de comunicación. (SARAMAGO, 2003, s.p.).

Saramago foi aqui ao encontro de uma ideia que hoje se pode considerar comum, no sentido de as traduções, para além da sua função interlinguística, terem uma influência sobre os seus respectivos contextos culturais de partida e de chegada. É sabido que, durante os séculos XVIII e XIX, a tradução ainda era vista principalmente como uma questão nacional e que, desde o final do século XX, o seu valor cultural, transnacional e trans-social tem vindo a ser cada vez mais reconhecido. Se quiséssemos especificar melhor o argumento empregado por Saramago, podíamos dizer que toda a experiência é em si mesma uma tradução, como o é, também, a construção de um sentido de si próprio a partir da ideia de uma comunidade cultural que é, afinal, sempre uma comunidade imaginada, ou seja, uma construção fruto de processos de tradução.<sup>11</sup>

Duvido que Saramago tenha sido o primeiro escritor a equiparar o seu ofício com a tradução, tendo em conta que já Walter Benjamin situava esta prática no “estrato mais profundo da teoria da linguagem” (1991a, p. 171, trad. minha). Há, de facto, muitas semelhanças entre a reflexão saramaguiana e a teoria de tradução de Walter Ben-

---

<sup>11</sup> A forma como Saramago compreende a tradução também pode ser relacionada com a noção do duplo tradução/paratradução que tenho tentado definir em várias ocasiões, por exemplo, desta forma: “Translation is a constantly moving transposition process without a fixed location and, in a wider sense of the term, it is a form of transcultural knowledge. An open and almost ‘holistic’ concept of translation includes all of its contexts and conditions, that is to say, what one might refer to as paratranslation. Translation and paratranslation form an interdisciplinary space where not only deculturation and vulgarisation, but also resistance, cross-breeding and hybridisation are carried out constantly and at an increasingly global level” (BALTRUSCH, 2010, p. 115).

jamin, a quem, salvo erro, o nosso Prémio Nobel nunca se referiu, pelo menos por escrito. Além da já clássica questão da relação entre o traduzível e o intraduzível, Saramago também mencionou nesta conferência o conhecido fenómeno que Benjamin caracterizara como a diferença entre “as formas de ter em mente” e o “tido em mente” (1991b, p. 14, trad. minha):

Pero bajemos de lo trascendente a cosas más sencillas: lo que en castellano se llama calle, para nosotros portugueses es *rua*. Los italianos dirán *via*, los alemanes dirán *[S]tra[ß]e*, los ingleses, *street*, y parece que ya está todo claro, basta con pasar de una palabra a la otra. Si en la obra original aparece *rua*, pues entonces mi traductora al español, que está aquí, Pilar, sin más remedio pondrá *calle*. Y sin embargo no es lo mismo una *rua* que una *calle*. (SARAMAGO, 2003, s.p., grifo nosso).

No célebre ensaio “Die Aufgabe des Übersetzers” (1991b, p. 14), publicado há precisamente 100 anos (1923), Benjamin empregava os exemplos de “Brot” em alemão e “pain” em francês para ilustrar o facto de, em relação às “formas de ter em mente”, não existirem equivalências exactas entre as línguas. Tal como Saramago também o sublinhou indirectamente, o contexto cultural (da paratradução, em termos gerais) condiciona a nossa consciência e o imaginário, e com eles toda a tradução que realizamos desde o real.

O texto que Saramago apresentou em Buenos Aires contém todo um breviário da sua ideologia tradutológica. O autor demonstrou estar à altura do estado da investigação quando defendeu a necessidade de “desterrar esa idea de tarea subalterna, de que el traductor es sencillamente un cable que une un idioma a otro” (2003, s.p.). Mas também quando sugeriu a necessidade de analisarmos todavia “otro tipo de traducción que no tiene una relación directa con el oficio aunque quizá los profesionales podrían echar una mano para

ayudar a comprender. Se trata del discurso político” (SARAMAGO, 2003, s.p.). De uma forma muito original, relacionou a questão do discurso político entendido como tradução com a noção da intraduzibilidade, quando caracterizou este tipo de discurso como uma “imposibilidad de traducción, porque ¿cómo se va a pasar el discurso que está escrito en un idioma a otro discurso escrito en el mismo idioma pero que diga finalmente lo que el primero no está diciendo?” (SARAMAGO, 2003, s.p.)

Outro documento fundamental para circunscrevermos o pensamento saramaguiano sobre a tradução é um texto que estava destinado a ser um breve discurso que um Saramago, já muito frágil e doente, quis levar, em 2008, ao VIII Congreso de Escritores de España, ao que tinha sido convidado. Por razões de saúde, não pôde assistir, e o seu texto, cujas ideias centrais estão intimamente relacionadas com a conferência de Buenos Aires, foi lido pelo escritor Andrés Sorrel e depois publicado em *O Caderno 2* (2009). Aí retoma a já referida ideia da equiparação entre escrita literária e tradução:

Escrever é traduzir. Sempre o será. Mesmo quando estivermos a utilizar a nossa própria língua. Transportamos o que vemos e o que sentimos (supondo que o ver e o sentir (...) sejam algo mais que as palavras (...)) para um código convencional de signos, a escritura, e deixamos às circunstâncias e aos acasos da comunicação a responsabilidade de fazer chegar à inteligência do leitor, não a integridade da experiência que nos propusemos transmitir (...), mas ao menos uma sombra do que no fundo do nosso espírito sabemos ser intraduzível, por exemplo, a emoção pura de um encontro, o deslumbramento de uma descoberta, esse instante fugaz de silêncio anterior à palavra que vai ficar na memória como o resto de um sonho que o tempo não apagará por completo. (SARAMAGO, 2009, p. 151-152).

Novamente, o que Saramago nos propõe aproxima-se da teoria da tradução de Walter Benjamin. Segundo Benjamin, a linguagem humana é já uma tradução da linguagem das coisas, daquilo que o filósofo alemão designou como a “magia muda da natureza” (BENJAMIN, 1991a, p. 41, trad. minha), e o que em Saramago se reformula com “este instante fugaz de silêncio anterior à palavra que ficará na memória” (SARAMAGO, 2009, p. 152). O devir da língua e das suas traduções foi concebido por Benjamin como uma forma de negociação entre tradutibilidade e intraduzibilidade, tendo até uma realidade própria. Tratava-se de ver a linguagem humana menos como uma representação do real do que como uma tradução dos seus significados em constante disseminação. Para poder explicar a tão humana pulsão para sempre traduzir, para sempre nos traduzirmos a nós próprios, apesar de todas as inconveniências, Benjamin propôs o essencialismo estratégico da “pura língua”, como um ideal inalcançável da prática tradutiva, mas que sempre lhe pode servir como orientação (cf. BALTRUSCH, 2018). Nas palavras de um Saramago, que nisto parece ter estado de acordo com Benjamin, seria este “resto de um sonho que o tempo não apagará por completo” (SARAMAGO, 2009, p. 152). O autor da *Jangada de Pedra* também considerava, novamente numa curiosa proximidade da filosofia benjaminiana, que o próprio original deve ser encarado como uma tradução, ou seja, como “uma determinada percepção de uma realidade social, histórica, ideológica e cultural”, “substanciada (...) num entramado linguístico e semântico” (SARAMAGO, 2009, p. 152). Trata-se de uma percepção naturalmente alheia àquela de quem traduz, e a quem se exige, ainda assim, uma imersão profunda na obra de partida. Saramago procura resolver este dilema ao expor que uma “tradução-texto” sempre teria de completar o “texto-tradução” inicial, para que a prática da tradução possa ser um encontro entre duas culturas colectivas que se devem reconhecer mutuamente de forma respeitosa:

O texto original representa unicamente uma das ‘traduções’ possíveis da experiência da realidade do autor, estando o tradutor obrigado a converter o ‘texto-tradução’ em ‘tradução-texto’, inevitavelmente ambivalente, porquanto, depois de ter começado por captar a experiência da realidade objecto da sua atenção, o tradutor realiza o trabalho maior de transportá-la intacta para o entramado linguístico e semântico da realidade (outra) para que está encarregado de traduzir, respeitando, ao mesmo tempo, *o lugar de onde veio e o lugar para onde vai*. (SARAMAGO, 2009, p. 152-153, grifo nosso).

O “texto-tradução” saramaguiano é, assim, dirigido a um Outro, a uma Outra, que tem de traduzi-lo para poder completá-lo numa “tradução-texto”, e que visa um utópico “lugar-outro que não existe ou é, (mas que) pode, assim, ser caracterizado em termos filosóficos como pós-colonial” (FERREIRA, 2014, p. 75). E isto também é válido num sentido geral, uma vez que a nossa consciência e formação estão sujeitas às mais variadas tentativas de colonização por convenções e ideologias. Em relação ao neoliberalismo capitalista globalizado, Saramago interveio em muitas ocasiões sobre a questão de como os enquadramentos (*framings*) linguísticos e ideológicos moldam as opiniões pública e das pessoas individuais.<sup>12</sup>

Mas esta perspectiva tradutológica pós-colonial em Saramago pode ser interpretada, além disso, e de uma forma muito mais concreta, como uma reacção à longa história do domínio colonial que, no contexto intra e extra-ibérico, exerceram Espanha e Portugal a nível mundial, nomeadamente na América e na África. A consciência crítica da história acaba por ser fundamental para a definição da

---

12 As suas estratégias de tradução e narrativa também evidenciam o facto de a linguagem não ser neutra, e como pode influenciar e promover determinadas percepções ou comportamentos das pessoas.

sua perspectiva tradutológica, mas também a necessidade de estabelecermos um diálogo ou uma negociação entre as instâncias autora e tradutora no contexto de um mútuo reconhecimento transcultural:

Para o tradutor, o instante do silêncio anterior à palavra é pois como o limiar de uma passagem ‘alquímica’ em que o que é precisa de se transformar noutra coisa para *continuar a ser* o que havia sido. O diálogo entre o autor e o tradutor, na relação entre o texto *que é* e o texto *a ser*, não é apenas entre duas personalidades particulares que hão-de completar-se, é sobretudo um encontro entre duas culturas colectivas que devem reconhecer-se. (SARAMAGO, 2009, p. 153, grifo nosso).

Quando Saramago descreve, poeticamente, a tradução como um movimento “alquímico” que se aproxima do “silêncio anterior à palavra”, evoca, talvez sem que tivesse tido consciência desta proximidade, o preceito benjaminiano de uma desejável transparência da tradução em relação ao original. Esta ideia do “*continuar a ser* o que havia sido”, representa uma alternativa metafórica da reivindicação do filósofo alemão de que a tradução tem de revelar o ideal (inalcançável) da “pura língua” no original, através da qual se revela o “parentesco meta-histórico entre as línguas” e a utopia de uma “totalidade das suas intenções a se complementarem reciprocamente” (BENJAMIN 1991b, 13, trad. minha).

Assim, as reflexões filosóficas de Saramago sobre a tradução permitem-nos observar a sua obra e o seu pensamento não só em termos tradutológicos gerais, mas também como um pensamento e uma prática de tradução cultural específica, inclusive em relação com a sua própria trajetória literária e biográfica. Apesar de Saramago sempre se ter mostrado muito céptico em relação ao conceito histórico da utopia, perseguia de facto a utopia muito concreta de uma solidariedade intra e transibérica (cf. BALTRUSCH, 2014). Acresce

o facto de Saramago sempre ter estado à procura de respostas que pudessem ajudar a humanidade a ultrapassar uma ordem mundial capitalista-neocolonial, seguindo uma orientação filosófica a partir da práxis e ontologia marxistas. Assim, o transiberismo de Saramago tem sido, desde o início, um conceito crítico. Em termos gerais, aproxima-se daquela crítica marxista que considera as utopias serem meras construções que nos distraem do crescimento histórico das relações de poder, e nas quais as atitudes políticas acabam por estar desligadas das condições socioeconómicas básicas. As utopias foram vistas por Marx e Engels como formações sistémicas baseadas exclusivamente em teorias que não reconhecem o lado revolucionário da miséria humana na história contemporânea. O pensamento de Saramago pode ser considerado próximo do “socialismo científico” de Engels que se define, ao contrário do chamado socialismo utópico, como um desenvolvimento processual e dialéctico (contraditoriamente propulsor), mas sempre necessário a partir de uma situação histórica concreta (cf. ENGELS, 1973).

Porém, é discutível que Saramago tenha partilhado o postulado de Marx da existência de um elemento teleológico na condição humana. Convém interpretarmos a utopia “fraca” saramaguiana como uma crítica experiencial enraizada nas relações sociais e comunitárias, como uma “utopia concreta” no sentido de Ernst Bloch, que também sugeriu que o pensamento utópico concreto “não coincide de modo algum com uma utopia abstracta sonhadora, nem é dirigida pela imaturidade de um socialismo utópico meramente abstracto” (BLOCH, 1986, p. 146).<sup>13</sup> Neste sentido, o transiberismo saramaguiano podia ser interpretado como uma tradução do pensamento anti-utópico marxista. Numa entrevista no contexto do Fórum So-

---

<sup>13</sup> A primeira sugestão de compararmos a obra saramaguiana com a filosofia de Ernst Bloch é de Grossegese (cf. 1999).

cial Mundial no Brasil, em 2005, Saramago insistiu na necessidade de traduzirmos a utopia do ‘não-lugar’, da esperança sempre adiada para um futuro longínquo, para o que chamou a “acção contínua” e que declarou ser “a minha utopia” (2005, n.p.).

### 3. SARAMAGO COMO TRADUTOR CULTURAL TRANSIBERISTA

É neste sentido que convém interpretarmos o seu conhecido, persistente em muito político esforço para reivindicar uma compreensão recíproca entre as distintas culturas dos povos ibéricos. Não só para que cada uma seja compreendida pelas outras culturas peninsulares, mas também para que todas se possam traduzir mútua e livremente e serem ouvidas num contexto cada vez mais globalizado, o que hoje exige estabelecermos um diálogo de igual para igual com as culturas pós-coloniais latino-americanas e africanas. A sua mudança para Lanzarote, em consequência do primeiro caso de censura política pós-25 de Abril em Portugal, que afectou o seu romance *Evangelho segundo Jesus Cristo*, podia ser interpretado, assim, como uma afirmação de tradução cultural com um carácter não somente político, mas também pessoal. O transiberismo, compreendido como o processo dialéctico de tradução de uma situação histórica concreta, coloca no centro da atenção as identidades culturais diferenciadas e, implicitamente, a necessidade daquilo ao que aqui me refiro como tradução cultural.

Benjamin oferece-nos uma base filosófica para poder pensar a tradução cultural, tal como a interlinguística, em termos de uma forma, ou seja, como uma tarefa que consiste não só em transpor, mas também em transformar, em formatar, no sentido de definir a disposição e o aspecto de um fenómeno cultural na cultura de chegada (aqui também em termos de “acção contínua” e “utopia concreta”). Seria um processo que sempre é transitório e que depende de uma interpretação irremediavelmente subjectiva. Porém, esta tradução

cultural, que Gayatri Spivak considera ser o estado normal da cultura (2008), também cria sempre novos originais (cf. BASSNETT, 2003, p. 15). É neste sentido que interpreto a ideia da *trans-ibericidade* saramaguiana, que é a denominação original que o autor começou a empregar na altura da publicação da *Jangada de Pedra*, em 1986 (só mais tarde, e por influência de traduções ao espanhol, passou a falar de transiberismo). Trata-se de uma tentativa de traduzir os históricos etnocentrismos luso e espanhol para uma proposta de filosofia cultural que considero estar caracterizada por três ideias-chave.

A primeira consiste na plena aceitação do carácter multicultural da Península Ibérica como um facto historicamente incontestável. Saramago retoma aqui uma linha de argumentação que tem um dos seus principais momentos de destaque quando, em 1927, o político catalanista (conservador) Francesc Cambó acunhou o conceito do “hecho diferencial”, com o qual pretendia descrever a incapacidade do estado central espanhol para subjugar as culturas ibéricas periféricas:

Y con la obsesión de extirpar el hecho diferencial de reducir todos los territorios caídos bajo la soberanía de la Corona de España, a imagen y semejanza del poder homogéneo, España ha perdido uno tras otro todos aquellos territorios, porque el hecho diferencial es más fuerte que todos los Poderes, y ante él, el Estado más poderoso es tan impotente como lo es el beduino del desierto para arrasar las montañas y las ciudades cuya visión le irrita como una ofensa a su habitual visión de los horizontes infinitos y a sus costumbres de vida errante entre llanuras sin fin. (CAMBÓ Y BATLLE, 1930, p. 3).

A *trans-ibericidade* actualiza e universaliza esta ideia de Cambó porque estabelece que, para além do seu carácter fundamentalmente pluricultural, as culturas ibéricas, e sem que isso as torne uniformes, partilham uma base comum que as diferencia da Europa.

No romance *A Jangada de Pedra* (1986), as diferentes procedências geoculturais dos protagonistas são claramente delineadas e, ainda assim, formam um grupo coeso e com uma visão comum. Mas esta perspectiva comum é muito distinta de uma Europa que, chocada pelo desprendimento da Península Ibérica, desata a gritar no romance “Nós também somos ibéricos!” (SARAMAGO, 1986, 84), porque, entre outras razões, a sua orientação (historicamente condicionada) é agora o Sul Global.

Esta diferenciação (necessária) de uma Europa já sem base comum entre as culturas do centro/norte e as do sul (cf. BALTRUSCH, 2016) representa a segunda ideia-chave do transiberismo como proposta de filosofia cultural. A terceira é a já mencionada “tarefa de traduzir, respeitando, ao mesmo tempo, o lugar de onde [viemos] e o lugar para onde [vamos]”, concretamente em relação às histórias coloniais portuguesa e espanhola. Ou seja, a necessidade de entrarmos num diálogo construtivo com a *para-doxa* pós-colonial do Sul Global ou, com outras palavras, com as *doxas* alternativas (e muitas vezes já decoloniais) que hoje em dia nos oferecem as culturas latino-americana e africana. É neste sentido que *A Jangada de Pedra* talvez seja a expressão mais clara daquilo que Saramago entendeu por iberismo e trans-ibericidade, tal como o especificou numa entrevista a Juan Domínguez Lasierra, em 2001:

Essa ‘jangada de pedra’ é uma metáfora que tenta expressar uma ideia: a do transiberismo, que não é um iberismo como o do século XIX e até mesmo do século XX [...]. Não estou falando de união, mas de unidade, a unidade ibérica, que deveríamos levar conosco nessa ‘jangada de pedra’, nessa proposta de diálogo e de encontro. (SARAMAGO, 2001 *apud* GÓMEZ AGUILERA, 2010, p. 255)

Por um lado, esta atitude de Saramago evoca, novamente, as benjaminianas “intenções a se complementarem reciprocamente”, entre

outros paralelismos que se poderiam traçar entre o transiberismo e a “pura língua” como uma dinâmica de transversalidade entre língua, cultura e história. Pelo outro, o transiberismo saramaguiano surge aqui como um devir tanto ético como estético que se manifesta na sua “ação contínua” de tradução cultural.

Para além da ficção, Saramago também nos deixou numerosos textos e entrevistas nos quais reflectiu sobre as relações intra e extra-ibéricas, não no sentido de uma união ibérica, como o indicou na referida entrevista, mas em termos de uma unidade em diálogo. Afastar-me-ia do tema, se entrasse aqui na questão complexa do iberismo que acompanha, desde uma perspectiva histórica, o discurso transiberista saramaguiano. Mas para contextualizar a referida importância da tradução cultural, convém lembrarmos que o iberismo sempre serviu como uma “plataforma” para muitos contactos interliterários e interculturais na Península (cf. CASAS, 2003, p. 81). Já em 1990, Cesar Antonio Molina constatara que Saramago era “o único escritor peninsular que tomou consciência de ser o ‘primeiro’ escritor ibérico” (1990, p. 288). É no prólogo a este conhecido livro de Molina que Saramago declara a morte do iberismo histórico, enquanto adverte também da sua imprescindibilidade para pensarmos o presente e o futuro: “¿El iberismo está muerto? Sí. ¿Podremos vivir sin un iberismo? No lo creo” (SARAMAGO, 1990, p. 4). Para além da questão polémica do iberismo, existe um mais ou menos velado debate em Portugal e na Galiza, sobre a apropriação da figura e obra de Saramago por parte da cultura espanhola ou espanholista. São polémicas compreensíveis, porque nenhum acontecimento tradutivo tem lugar num espaço absolutamente neutro e em termos de completa igualdade. Neste contexto, Torres, por exemplo, lembra que “‘escritor ibérico’ (...) é o qualificativo que desde muito tempo atrás utilizavam alguns elementos espanhóis quando querem fagocitar um escritor de êxito luso e convertê-lo em espanhol de aspira-

com” (1999, p. 469-470). Em todo o caso, o Saramago tradutor cultural propôs-se já em 1994 a superar o “iberismo tradicional”<sup>14</sup> e a ideia de um “espaço de espiritualidade” comum, como ainda o imaginava um autor tão fundamental como Miguel Torga (1990, p. 133).<sup>15</sup> A transibericidade saramaguiana carece deste impulso espiritual, antes podíamos dizer que representa um momento de transição, ou até de ruptura, que transforma o velho iberismo numa utopia muito mais concreta. Esta utopia concreta saramaguiana centra-se, por exemplo, no debate dos nacionalismos periféricos da Península e na sua relação problemática com o poder do estado espanhol, com a União Europeia, com a globalização, etc. Porém, o Saramago iberista e transiberista transita num espaço não isento de hipotecas do passado que afectam também a avaliação da sua própria contribuição a estes debates. O que escreveu Orlando Grossegeisse em 2005, continua a ser válido:

Na actualidade, é difícil proceder a uma análise distanciada do relacionamento da vida literária, académica e política, nomeadamente do ‘diálogo’ complexo entre o escritor e os múltiplos discursos políticos, mediáticos e filológicos que conduzem tanto a rejeição polémica como a consagração eufórica de ‘José Saramago’ português, ibérico, europeu e mundial. (p. 183)

---

14 Cf. Saramago 1994 (s.p.): “O transiberismo seria um conceito superador do iberismo tradicional, que englobaria os países de tradição ibérica na América e em África. E, caso conseguisse a sua instauração entre os pensadores e políticos, chegaria a ser a grande criação de uma época; mas para isso teríamos de ter uma visão histórica especial e decisiva.”

15 A inovação que Saramago traz no contexto do “iberismo tradicional”, é a sua transformação em transiberismo, uma tradução ideológica que se podia analisar também a partir da teoria da tradução antropofágica de Haroldo de Campos, mas isso ultrapassaria o âmbito concreto do presente estudo.

Neste contexto, um dos elementos fundamentais a ter em conta para qualquer tipo de análise do diálogo entre Saramago e os “discursos políticos, mediáticos e filológicos” — tenha esta análise um carácter distanciado, polémico ou de consagração — é o seu transiberismo. É óbvio que a sua obra literária e o seu activismo tenham transcendido muitas fronteiras, e que isso as possa predispor para serem abordadas desde uma perspectiva de tradução cultural.

A tradução cultural como forma de mediação e negociação sempre é acompanhada de uma tentativa de conservar e explicitar a bagagem cultural de partida na cultura de chegada (o que Saramago nunca deixou de fazer em relação a si mesmo, por exemplo). Desde os conhecidos trabalhos pioneiros de Susan Bassnett, André Lefevere, Tejaswini Niranjana e Harish Trivedi, até aos mais recentes de Judith Butler ou Gayatri Spivak, o debate sobre a tradução da cultura, o próprio conceito da *tradução cultural* e a sua complicada relação com os Estudos Culturais viveram constantes actualizações e diversificações. De uma maneira geral, a frase “tradução cultural” é hoje usada figurativamente nos estudos de tradução para pensar a negociação das diferenças hierárquicas, uma questão que também podia ser tratada separadamente das políticas linguísticas (cf. BHABHA, 1994). Isto parece-me ser um aspecto que se adapta às frequentes reflexões saramaguianas sobre o desequilíbrio hierarquizante entre culturas dominantes e colonizadoras (neste caso, espanhola ou portuguesa) e as culturas minorizadas por elas, tanto dentro da Península Ibérica como no contexto latino-americano ou africano. Como também está implícito no conceito do “texto-tradução” proposto por Saramago, o colonialismo histórico e o capitalismo transnacional moderno forçaram muitos contactos entre estilos de vida e cosmovisões diferentes, um processo que não só estabilizou as identidades culturais, mas também a insegurança em relação a elas (cf. EAGLETON, 2003). Nos seus posicionamentos públicos, Saramago

mostrou sempre uma clara consciência de o hibridismo ser uma das condições que tornam a tradução cultural viável (BHABHA, 1994). A própria globalização encorajou os processos de hibridismo e até a escrita literária saramaguiana tornou-se um claro exemplo destas dinâmicas, se olharmos somente para a sua, às vezes intencional, castelhanização do português (cf. VENÂNCIO, 2014).

Mas o esforço negociador entre culturas que Saramago promoveu através da sua escrita e o seu activismo, também se aprecia nas suas inúmeras viagens desde os anos 80 do século passado até pouco antes da sua morte, em 2010, tanto através da Europa como para e dentro da América. No contexto destas viagens, o Saramago tradutor cultural sempre destacou, entre muitos outros assuntos político-filosóficos, a questão das migrações na actualidade, das necessárias resistências e transformações sócio-políticas, da reinscrição do passado no presente e vice-versa. Podíamos dizer que a maioria das suas intervenções representou, também, uma reivindicação da importância dos entre-lugares, se pensarmos, por exemplo, na sua defesa do movimento zapatista em Chiapas (cf. BALTRUSCH, 2023b). É sabido que Homi K. Bhabha via nestes espaços *in-between* as principais características das sociedades pós-coloniais (BHABHA, 1994). Também a Península Ibérica está cheia de lugares e acontecimentos *in-between* que podemos observar no carácter bilingue de muitas das suas comunidades, nas suas expressões literárias, musicais, etc. ou nas múltiplas formas de tradução interlinguística e intersemiótica que se intensificaram desde meados do século XX, com os seus múltiplos agentes tradutores e mediadores. Numa entrevista ao diário ABC, em 2001, Saramago advertiu que “[o] mosaico ibérico precisa de uma relação constante e circular entre as culturas que o compõem” (*apud* CABERO DIÉGUEZ, 2004, p. 15).

Assim, a ideia do hibridismo tem até uma certa utilidade para descrevermos a dinâmica das vozes narrativas, a heteroglossia ou as

subjectividades divergentes que se manifestam na escrita saramaguiana. Mas o hibridismo também acaba por ser um elemento que reforça o carácter performativo do Saramago tradutor político-cultural. Por exemplo, quando interveio, tanto em espanhol como em português, em inúmeros eventos na Península Ibérica e fora dela (no Foro Social Mundial ou em Chiapas), sempre fazendo questão de pôr em relevo tanto as diferenças culturais quanto a base histórica e humana que as une. Numa certa ampliação das ideias de Walter Benjamin, podíamos dizer com Bhabha que Saramago quis enfatizar “the performativity of translation as the staging of cultural difference” (BHABHA, 1994, p. 227). Porém, é no “Manifesto of Cultural Translation”, de Tomislav Longinović, onde podemos encontrar uma definição que se adapta ainda melhor ao pensamento crítico de uma utopia concreta e prática da tradução cultural em Saramago: “The activity of cultural translators is not confined to the emergent field of academic study devoted to the cultural ‘in-between,’ but always involves a performative theory of everyday life for the different locations of particular linguistic communities” (2002, p. 5). O Saramago activista era consciente da importância do evento performativo no espaço público, seja quando actuava como mediador e tradutor cultural na sua viagem a Chiapas, ou na criação literária de sujeitos protagonistas individuais ou plurais capazes de representar amplas atmosferas ou redes afectivas e significativas, como em *A Jangada de Pedra*.

Em resumo, podíamos deduzir do pensamento crítico de Saramago sobre o contexto cultural trans/ibérico três grandes zonas problemáticas: o poder do estado (com a sua tendência centralista tanto em Espanha como em Portugal, mas também em muitos países da América Latina); os nacionalismos (com o desequilíbrio entre os nacionalismos espanhol e português, historicamente colonizadores e ainda hoje dominantes, e os nacionalismos das cul-

turas minorizadas da Península);<sup>16</sup> e, em terceiro lugar, as identidades culturais (que não precisam de estar vinculadas nem a um estado nem a um nacionalismo),<sup>17</sup> um aspecto que se torna ainda mais complexo quando abordado no conjunto global das comunidades de língua portuguesa, espanhola, dos seus crioulos, etc. Qualquer análise de uma tradução cultural no contexto deste complexo entramado trans/ibérico precisa ter em conta, como mínimo, estas três coordenadas básicas. Numa entrevista por ocasião da mencionada conferência em Buenos Aires, em 2003, Saramago sugeriu, indirectamente, que a via para superar a dependência da triangulação destas três zonas problemáticas seria precisamente a tradução: “Os escritores fazem as literaturas nacionais e os tradutores fazem a literatura universal. Sem os tradutores, nós, escritores, não seríamos nada, estaríamos condenados a viver trancados em nossa língua” (2003, s.p.).

---

16 O político, escritor e artista galego Alfonso R. Castelao advertiu em *Sempre en Galiza*, desde o exílio argentino, em 1948, que “[o] País Vasco era un “feito diferencial” impulsado pola memoria; Cataluña era un “feito” baseado na vontade; Galiza era un “feito” creado pola intelixencia e impulsado pola imaxinación” (1980, p. 202).

17 Em 1990, Saramago afirma que “algo vino a modificar mi relación, primero con España, después con la Península Ibérica en su conjunto (...): una nueva relación que sobrepusiera al diálogo entre Estados, formal y estratégicamente condicionado, un encuentro continuo entre todas las nacionalidades de la Península, basado en la búsqueda de la armonización de los intereses, en el fenómeno de los intercambios culturales, en fin, en la intensificación del conocimiento.” (SARAMAGO, 1990, p. 5); e em 1996 escreve “que o inimigo é o Estado, não a Nação” (p. 49 e 114), e que “[a] poeira propositadamente levantada nos debates sobre os “nacionalismos” só serve para ocultar a verdadeira fonte dos males: a intrínseca violência do Estado” (p. 49).

#### 4. A MODO DE CONCLUSÃO

De uma forma geral, podia-se dizer que a trans/ibericidade saramaguiana surge como a reivindicação de um direito de cidadão do mundo (pleno) para todas e para todos, sem distinção. Mas para merecer este direito de cidadania, é preciso que o sujeito passe por um processo de auto-tradução, fazendo uso da sua intrínseca “capacidade revolucionária [...] para transformar-se a si mesmo” (SARAMAGO, 1994), e como passo inicial para uma transformação das circunstâncias sociais e culturais (cf. REIS, 1998). Este processo de auto-tradução do sujeito libertá-lo-ia, também, da tradição patriarcal-colonialista da história ibérica (cf. 1999, p. 98). Uma nova ideia de cidadania e de democracia tornaria a Ibéria capaz de se auto-traduzir para uma *trans-ibericidade*, além de todas as restrições impostas por ideologias estatais ou identitárias. Só que esta *trans-ibericidade* teria de ser concebida “sem exceções que matam nem hegemonias que assassinam”, como advertiu Saramago numa conferência em Edimburgo, já em 1993 (*apud* SÁEZ DELGADO, 2020, p. 58). À histórica ideia de a Península Ibérica pertencer à cultura europeia, Saramago opôs o argumento de uma história própria dos povos ibéricos que se distinguem nas suas formas de unidade e transversalidade. Hoje em dia, estas culturas devem ser vistas no contexto de um discurso transiberista, primeiro caracterizado por um momento pós-colonial e, depois, cada vez mais decididamente, numa perspectiva decolonial (cf. BALTRUSCH, 2023a):

Eu sugiro que substituamos o velho iberismo, morto e inviável nos tempos de hoje, por um sentido transiberista da nossa posição no mundo, um iberismo à medida das necessidades do nosso tempo [...]. A sua realização plena só poderá ser alcançada com a participação de todos os povos e de todas as culturas da Europa, sem exceções que matam nem hegemonias que assassinam — que pressupõe, provavelmente, a necessidade de um entendimen-

to também novo da Democracia. (SARAMAGO, 1993 *apud* SÁEZ DELGADO, 2020, p. 58)

Esta visão decolonizadora de Saramago retoma e amplia o que o autor dissera vinte anos antes (1990), no sentido de o velho iberismo estar morto, mas tendo em conta a impossibilidade de podermos conceber um futuro sem iberismo e, como devemos acrescentar, sem transiberismo. Neste sentido, o que Saramago tinha em mente aproxima-se do pensamento pós-colonial sobre a tradução cultural que Spivak formulou desta forma:

plotting cultural translation has (...) to be put within a political context. On the level of culture as loosely held assumptions and presuppositions change is incessant. With the generations the first language changes, and the relationship to whatever is called 'the culture of origin' also changes. You can constatively work at the historical difference between the production of cultural power and performatively resist to correct that. (SPIVAK, 2008, s.p.).

Assim, e embora centrado na relação entre as culturas peninsulares e da América Latina, o transiberismo evoca o que poderíamos chamar a semiose infinita da tradução cultural, um processo no qual toda a identidade cultural ou nacional permanece sempre em construção. Porém, a traduzibilidade inerente ao transiberismo também promete a possibilidade de libertar a compreensão das identidades histórico-culturais das suas próprias origens, e até da necessidade de a comunicar como origem. Em certo sentido, o transiberismo, como semiose infinita da tradução cultural, tem a vantagem de “ter libertado a quem traduz e a sua obra do esforço e da ordem próprios daquilo que é preciso comunicar” (BENJAMIN, 1991b, 9, trad. minha).

Concluo com uma proposta de sistematização da tradução cultural transiberista que penso que pode ser deduzida do pensamento

saramaguiano desde uma perspectiva hermenêutico-tradutológica. As referidas três ideias-chaves complementárias partem (1) de uma aceitação incondicional do carácter pluricultural da Península Ibérica, ou seja, da aceitação dos diferentes “factos diferenciais”. Mas estes “factos diferenciais” não poriam em questão (2) a existência de uma base comum das culturas ibéricas, e que as diferencia do resto da Europa. Esta diferenciação aproxima-as, hoje, tanto diacrónica como sincronicamente, (3) de um necessário diálogo com a “*para-doxa*” das culturas latino-americanas e africanas pós-coloniais. Trata-se, no entanto, de uma hermenêutica de tradução cultural que precisa evitar falsas confusões entre as três zonas de conflito já mencionadas, e que exercem pressões e produzem as influências mais variadas, sobretudo desde uma perspectiva eurocêntrica: os poderes estatais, nomeadamente, o espanhol e o português, com a União Europeia como um terceiro poder involucrado e o poder do capitalismo global como um quarto; os nacionalismos, tendo em conta o inevitável desequilíbrio nas relações de poder entre os nacionalismos de estado e os nacionalismos periféricos; e, finalmente, os debates sobre as identidades culturais, que deviam poder ser pensadas de forma independente dos estados e dos nacionalismos. Neste sentido, a ideia saramaguiana de tudo serem traduções, e de todas as pessoas sermos tradutoras, exige uma responsabilização ética do sujeito. O *texto-tradução*, seja no sentido restrito literário ou como ponto de partida geral de uma dada constelação epistemológica e cultural, dirige-se à Outra e ao Outro como proposta e como estratégia (política) de transformação do dado. E não só no sentido de eu me reconhecer no Outro, mas sobretudo desde a predisposição sincera de eu querer descobrir também o Outro em mim. Visa uma nova e mais completa *tradução-texto* como utópico, mas, ainda assim, muito concreto *lugar-outro*. Em parte, talvez seja tão inalcançável como a *pura língua* benjaminiana, mas também pode funcionar como uma manifestação de respeito em relação aos múltiplos *entre-lugares* nestas

culturas que, de uma forma ou outra, vão continuar a representar os palcos para as variações culturais daquilo que havia sido.

Termino com uma proposta de ligar o ideário do escritor à filosofia do tradutor cultural transiberista. Nos *Diálogos com José Saramago*, o autor confessa, em certo momento, que “aquilo a que eu aspiro é traduzir uma simultaneidade, é dizer tudo ao mesmo tempo” (REIS, 1998, 138).<sup>18</sup> Trata-se de uma afirmação tão fundamental no contexto da obra que não pode ser restringida à declaração de um projecto artístico-literário (Saramago nunca teria falado de um projecto, embora seja inevitável que o deduzamos daquilo que o autor dizia e fazia). De uma forma muito mais transcendente, o que Saramago declarou com esta frase foi um projecto filosófico e sociopolítico, e que inclui a tradução cultural transiberista.

RECEBIDO: 07/06/23 APROVADO: 07/07/23

#### REFERÊNCIAS

BALTRUSCH, Burghard. Translation as Aesthetic Resistance: Paratranslating Walter Benjamin. *Cosmos and History: The Journal of Natural and Social Philosophy*, v. 6, n. 2, p. 113-129, 2010.

BALTRUSCH, Burghard. O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia - sobre utopia e ficção em José Saramago. In: Baltrusch, B. (ed.): “O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia”. *Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago*, Berlin: Frank & Timme, 2014, p. 9-27.

BALTRUSCH, Burghard. Nos 30 Anos d’A Jangada de Pedra: José Saramago e a Atualidade do Discurso da Trans-Ibericidade. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, Uberlândia, v. 13, n. 2, p. 1-23, dez. 2016.

BALTRUSCH, Burghard. Sobre tradutibilidade e intradutibilidade em Walter Benjamin. *Cadernos de Tradução*, Santa Catarina, v. 38, n. 2, p. 32-60, maio 2018.

---

<sup>18</sup> E, nos seus diários, completou esta ideia com a ambição de querer reproduzir “o sopro de uma voz colectiva” (1996, 73).

- BALTRUSCH, Burghard. “Olhemos em silêncio, aprendamos a ouvir” — o transiberismo saramaguiano e o debate decolonial”, *Abriu - Estudos de Textualidade do Brasil, Galícia e Portugal*, 12, 2023a (no prelo).
- BALTRUSCH, Burghard. “Los persas de esta historia”: lo poético-político en José Saramago”. *Anuario de Letras Modernas*, México, v. 26, n. 1, p. 93-115, 2023b.
- BASSNETT, Susan. *Estudos de Tradução - fundamentos de uma disciplina*. Tradução: Vivina de Campos Figueiredo e Ana Maria Chaves. Lisboa: Gulbenkian, 2003.
- BHABHA, Homi K. *The location of culture*. London: Routledge, 1994.
- BENJAMIN, Walter. Über die Sprache überhaupt und über die Sprache des Menschen, *In: Tiedemann, R.; Schweppenhäuser, H. (eds.). Gesammelte Schriften*. Frankfurt/Main: Suhrkamp, [1916] 1991a, vol. II, p. 140-157.
- BENJAMIN, Walter. Die Aufgabe des Übersetzers. *In: Tiedemann, R.; Schweppenhäuser, H. (eds.). Gesammelte Schriften*. Frankfurt/Main: Suhrkamp, [1923] 1991b, vol. IV:1, p. 9-21.
- BENJAMIN, Walter. *Selected Writings 1: 1913-1926*. Ed. R trad. por Marcus Bullock e Michael W. Jennings, Cambridge, Massachusetts/London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2004.
- BLOCH, Ernst. *The Principle of Hope*. Tradução: Neville Plaice. Cambridge: The MIT Press, [1959] 1986.
- CABERO DIÉGUEZ, Valentín. *Iberismo e Cooperação. Passado e futuro da Península Ibérica*. Ed. Bilingue. Tradução: António José Dias de Almeida, José Manuel Trigo Mota da Romana, Porto: Campo das Letras, 2004.
- CAMBÓ Y BATLLE, Francesc de Asís. “Prólogo a Joaquín M<sup>a</sup> de Nadal, Por las tierras de Cristo”, *El Sol (Diario independiente fundado por D. Nicolás M. Urgoiti en 1917)*, Madrid, 23 de Maio de 1927, p. 3, [1927] 1930.
- CARAVELA, Célia. José Saramago traducteur de Georges Duby: un temps d'apprentissage pour le futur romancier. *Revista Diacrítica*, n. 26/3, p. 163-184, 2021.
- CASAS, Arturo. “Sistema interliterario y planificación historiográfica a propósito del espacio geocultural ibérico”, 2003. Disponível em: <http://webpersoais.usc.es/persoais/arturo.casas/NEIHLG.html> ou <https://www.ceeol.com/search/article-detail?id=165876> . Acesso em: 03 maio 2006.

- CASTELAO, Alfonso Rodríguez. *Sempre en Galiza*. Madrid: Akal Editor, 1980.
- COSTA, Horácio. *José Saramago: o período formativo*. Lisboa: Caminho, 1997.
- EAGLETON, Terry. *After Theory*. New York: Basic Books, 2003.
- ENGELS, Friedrich. Die Entwicklung des Sozialismus von der Utopie zur Wissenschaft. In: Marx, Karl; Engels, Friedrich. *Werke*. Berlin: Karl Dietz Verlag, 1973, v. 19, p. 189-228.
- FERREIRA, Ana Paula. Tradução e utopia pós-colonial – a intervenção invisível de Saramago. In: BALTRUSCH, Burghard. (ed.). “*O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia*”. Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago. Berlin: Frank & Timme, 2014, p. 73-94.
- GÓMEZ AGUILERA, Fernando (org.). *As Palavras de Saramago*. Catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. Elaborado a partir de declarações do autor recolhidas na imprensa escrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GONÇALVES, Mariana. Antes do escritor, o tradutor: José Saramago e a sua tradução de dois contos de Guy de Maupassant nos anos sessenta, em Portugal. *Translation Matters*, Porto, v.1, n. 1, p. 18-33, 2019.
- GROSSEGESSE, Orlando. *Saramago lesen. Werk-Leben-Bibliographie*. Berlin: Tranvía, 1999.
- GROSSEGESSE, Orlando. Sobre a obra de José Saramago. A consagração e o panorama da crítica de 1998 até 2004., *Iberoamericana*, v. 5, n. 18, p. 181-195, 2005.
- GROSSEGESSE, Orlando. Identidades cruzadas: *História do Cerco de Lisboa e Geschichte der Belagerung von Lissabon*. *Cadernos de Tradução* vol. 35, n. esp. 1, p. 109-145, jan/jun 2015.
- GROSSEGESSE, Orlando. A aprendizagem do ‘romance concentracionário. D’A *Centelha da vida* (1952) a *Ensaio sobre a Cegueira* (1995). In: OLIVEIRA NETO, Pedro Fernandes (ed.). *Peças para um ensaio*. Belo Horizonte: Editora Moinhos, 2020, p. 335-353.
- LAGE, Rodrigo Conçole. Uma atualização da lista de traduções de José Saramago de Horácio Costa, *RE-UNIR*, Rondônia, v. 9, n. 1, p. 58-71, fev. 2022.

- LEAL, Maria Luísa. O crisol do ficcionista: tradução de intertextualidade. *Anuário de Estudos Filológicos*, v. 22, p. 215-223, 1999.
- LONGINOVIĆ, Tomislav Z. Fearful Asymmetries: A Manifesto of Cultural Translation. *The Journal of the Midwest Modern Language Association*, v. 35, n. 2, p. 5-12, 2002.
- MOLINA, Carlos Antonio. *Sobre el iberismo y otros escritos de literatura portuguesa*. Madrid: Akal, 1990.
- REIS, Carlos. *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Caminho, 1998.
- SÁEZ DELGADO, Antonio. José Saramago, transiberista. In: REIS, Carlos. (ed.), *José Saramago. Nascido para isto*. Lisboa: Fundação José Saramago, 2020, p. 47-61.
- SARAMAGO, José. *A Jangada de Pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- SARAMAGO, José. Prólogo. In: MOLINA, César Antonio. *Sobre el iberismo y otros escritos de literatura portuguesa*. Madrid: Akal, p. 4-9, 1990.
- SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote III*. Lisboa: Caminho, 1996.
- SARAMAGO, José. *Folhas Políticas*. Lisboa: Caminho, [1978] 1999.
- SARAMAGO, José. Todos on traducciones, todos somos traductores. In: *Actas del IV Congreso Latinoamericano de Traducción e Interpretación*, 1-4/05/2003, [2003], Buenos Aires: Colegio de Traductores Públicos de la Ciudad de Buenos Aires, CTPCBA CD-ROM 1-5. Disponível em: <http://biblio.traductores.org.ar/cgi-bin/koha/tracklinks.pl?uri=http%3A%2F%2Fbiblio.traductores.org.ar%2Fdocumentos%2F01810.pdf&bibliumber=5527>. Acesso em: 04 fev. 2023.
- SARAMAGO, José. O amanhã é a única utopia assegurada (transcrição da entrevista para o programa O Mundo do Fórum, Fórum Social Mundial, Brasil, Janeiro de 2005), *La Insignia*, 25 jan. 2005. Disponível em: [http://www.lainsignia.org/2005/enero/soc\\_010.html](http://www.lainsignia.org/2005/enero/soc_010.html). Acesso em: 25 fev. 2023.
- SARAMAGO, José. *O Caderno 2*. Textos escritos para o blog. Março de 2009 - Novembro de 2009. Lisboa: Caminho, 2009
- SPIVAK, G. Chakravorty. “More Thoughts on Cultural Translation”. *Translate.eipcp.net*, 2008. Disponível em: <https://translate.eipcp.net/transversal/o608/spivak/en.html>. Acesso em: 24 fev. 2023.
- TORGA, Miguel. *Diário XV*. Coimbra: [Ed. do autor], 1990.

TORRES FEIJÓ, Elías. Seminário sobre José Saramago na Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela. *Agália*, n. 60, p. 467-470, 1999.

VENÂNCIO, Fernando. José Saramago e a iberização do português. Um estudo histórico. In: BALTRUSCH, Burghard. (ed.). *“O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia”*. Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago. Berlin: Frank & Timme, 2014, p. 95-125.

**ANEXO: TRADUÇÕES REALIZADAS POR JOSÉ SARAMAGO (1955-1984)**

AA.VV. *A União é um Combate*. Textos e Documentos de Maurice Thorez, Waldeck Rochet e Georges Marchais. Moraes, 1976.

AA.VV. *Contos Polacos*. Prefácio de Michal Sprusnski. Estampa, 1977.

AA.VV. *A escola e a sociedade*. Estampa, 1977.

AUDISIO, Gabriel. *A Vida de Harun Al-Rachid*. Estúdios Cor, 1965.

BALIBAR, Etienne. *Sobre a ditadura do proletariado*. Moraes, 1977.

BAUDELAIRE, Charles. *Os Paraísos Artificiais*. Estampa, 1971.

BAUTISTA PIÑEIRO, Juan. *A Viagem Nua*. Tradução com a colaboração de Françoise Marie Rosset. Estampa, 1979.

BAYER, Raymond. *História da Estética*. Estampa, 1979.

BERTAUX, Daniel. *Destinos Pessoais e Estrutura de Classe*. Moraes, 1978.

BETI, Mongo. *Remember Ruben*. Caminho, 1983.

BONNARAD, André. *A civilização grega*. Edições 70, 1984.

CASSOU, Jean. *Panorama das Artes Plásticas Contemporâneas*. Estúdios Cor, 1963.

CHASTENET, JACQUES. *A vida de Isabel I de Inglaterra*. Estúdios Cor, 1959.

COLETTE. Gigi. Estúdios Cor, 1958.

COLETTE. Chéri. Estúdios Cor, 1960.

COLETTE. *O fim de Chéri*. Estúdios Cor, 1960.

DIAZ PLAJA, Fernando. *História da Espanha*. Círculo de Leitores, 1970.

DUBY, Georges. *O tempo das catedrais — A Arte e a Sociedade 980-1420*. Estampa, 1983.

- FAJON, Etienne. *A União é um combate*. Moraes, 1976.
- FOCILLON, Henri. *Arte do Ocidente — a idade média românica e gótica*. Estampa-Imprensa Universitária, 1980.
- FRÉMONTIER, Jacques. *Portugal — Os pontos nos ii*. Moraes, 1976.
- GARNIER, Christine. *Uma mulher em Berlim*. Europa-América, 1957.
- GIBEAU, Yves. *A meta*. Europa-América, 1957.
- GRISONI, Dominique (ed.). *Políticas de Filosofia – Châtelet, Derrida, Foucault, Lyotard e Serres*. Moraes, 1977.
- GVICHIANI, Germain O. *Sistema de Organização e Gestão Socialista: Análise Crítica das Teorias Capitalistas de Gestão (2º vol)*. Moraes, 1977.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *A Sociedade Civil Burguesa*. Apresentação de Jean-Pierre Lefebvre, colab. de Michèle Jalley et al. Estampa, 1979.
- HIKMET, Nazim. *Os Românticos: a vida é bela, meu velho*. Caminho, 1985.
- HONORÉ, Serge. *Os pais e a escola: uma colaboração necessária e difícil*. Moraes, 1980.
- JIVKOV, Todor. *A Unidade Popular na Luta pelo Socialismo*. Estampa, 1976.
- JIVKOV, Todor. *Obras Escolhidas*. Vol. 1. Estampa, 1976.
- JIVKOV, Todor. *O Partido Comunista na Sociedade Socialista*. Estampa, 1976.
- JIVKOV, Todor. *Trabalho e economia, progresso e bem-estar*. Estampa, 1980.
- KIRST, Hans Hellmut. *Deus dorme em Masúria*. Europa-América, 1958.
- KIRST, Hans Hellmut. *08/15 - A caserna*. Europa-América, 1956.
- KIRST, Hans Hellmut. *08/15 - A guerra*. Europa-América, 1956.
- KIRST, Hans Hellmut. *08/15 - A derrota*. Europa-América, 1957.
- LAGERKVIST, Pär. *A Sibila*. Estúdios Cor, 1959.
- LAZUTKINE, E. *O Socialismo e a Riqueza*. Estampa, 1976.

- LONGUET, Robert-Jean. *No Coração da Europa...: “Primavera” ou “Outono” de Praga?*. Pref. Jeannette Thorez-Vermeersch. Agência de Imprensa Orbis, 1979.
- MACCIO, Charles. *Para uma educação da liberdade: as etapas do desenvolvimento da personalidade*. Moraes, 1977.
- MAUPASSANT, Guy de. *Bola de Sebo, A Casa Tellier*. Novelas e Contos de Maupassant. Vol. 1. Prefácio de José Saramago. Estúdios Cor, 1965.
- MOCH, Jules. *URSS — Depoimento dum socialista francês*. Círculo de Leitores, 1957.
- MOCH, Jules. *A loucura dos homens*. Europa-América, 1955.
- MOSKVICHOV, L. *Teoria da Desideologização — Ilusões e realidade*. Estampa, 1976.
- O’FLAHERTY, Liam. *O denunciante*. Europa-América, 1956.
- OUSMANE, Sembène. *O Harmatão*. Caminho, 1983.
- OYONO, Ferdinand. *Uma Vida de Boy*. Caminho, 1981.
- PALMIER, Jean-Michel. *Lenine, a Arte e a Revolução*. 3 vols. Moraes, 1976.
- PIATON, Georges. *Educação e Socialização: Elementos de Psicologia da Educação*. Moraes, 1979.
- POULANTZAS, Nicos. *O Estado, o Poder, o Socialismo*. Moraes, 1978.
- POULANTZAS, Nicos (dir. com a colab. de Suzanne de Brunhoff et al.). *A Crise do Estado*. Moraes, 1978.
- POURTALÈS, Guy de. *A vida de Liszt*. Estúdios Cor, 1959.
- PRAMOV, Ivan. *A agricultura búlgara na etapa actual*. Estampa, 1976.
- REISS, Françoise. *A Vida de Nijinsky*. Estúdios Cor, 1958.
- REMARQUE, Erich-Maria. *A centelha da vida*. Europa-América, 1955.
- RICHARD, Michel. *A psicologia e os seus domínios: de Freud a Lacan*. Moraes, 1977.
- RICHARD, Michel. *As grandes correntes do pensamento contemporâneo*. Moraes, 1978.
- ROUMAIN, Jacques. *Governadores do orvalho*. Caminho 1979.
- ROY, Jules. *A mulher infiel*. Estúdios Cor, 1959.

ROY, Jules. *O navegador*. Estúdios Cor, 1959.

TOLSTOI, Leão. *Ana Karenine*. Estúdios Cor, 1959.

ZIERER, Otto. *História da Alemanha*. Círculo de Leitores, 1978.

#### **MINICURRÍCULO**

**BURGHARD BALTRUSCH** dirige a I Cátedra Internacional José Saramago na Universidade de Vigo, onde ensina Literaturas Lusófonas, coordena o grupo de investigação BiFeGa e o Programa de Doutoramento Interuniversitário em Estudos Literários. É colaborador do ILCM da UP, e do CISPAC das UVIGO, UDC e USC. A sua investigação centra-se nas obras de Fernando Pessoa e José Saramago, na poesia actual e na filosofia da tradução. É investigador responsável do projecto “Poesia actual e política II: conflito social e dialogismos poéticos”, financiado pelo Ministério de Ciência e Inovação da Espanha. As suas publicações estão disponíveis em <https://uvigo.academia.edu/BurghardBaltrusch>.